

Rediscovering Psychoanalysis. Thinking and Dreaming, Learning and Forgetting

Autor: Thomas Ogden

Editora: Routledge, London and New York, 2009

Resenha: Maria Stela de Godoy Moreira¹

No mais recente livro, *Rediscovering Psychoanalysis. Thinking and Dreaming, Learning and Forgetting*, Thomas H. Ogden (2009) não se refere aos costumeiros códigos morais ou éticos enquanto componentes da prática da psicanálise, mas aos valores mais amplos e que caracterizam sua específica maneira de trabalhar em análise: ‘ouvindo a música’ da fala do paciente, participando com ele nas experiências previamente não sonhadas. Sonha o sonho e escreve em sonho...

Entretanto, ele adverte:

Quando eu utilizo falar-como-se-estivesse sonhando sinto que seria necessário dar maior e não menor atenção ao setting. Parece-me que é necessário um bom lastro de experiência antes que o analista possa, de maneira responsável, se ocupar em falar com os pacientes da maneira como eu descrevi. (p. 30)

Lembramos da conexão com o conceito de *rêverie*, tão bem explorado em seu artigo de 1977, “*Revêrie and interpretation: sensing something human*”.

No capítulo 1, “Rediscovering psychoanalysis”, Ogden relata seu memorável encontro com Harold Searles em Chestnut Lodge. Encanta-se com a maneira como Searles descreve seus sentimentos com relação a seu paciente esquizofrênico e a coragem que demonstrou ao escrever sobre isso. Para obter alguma consistência numa conversa psicanalítica com este tipo de paciente, afirma Ogden, é absolutamente necessário aprender a técnica, mas também ter a disposição de *esquecê-la*. No lugar de interpretações ou intervenções psicanaliticamente corretas, ser capaz de apenas conversar com o paciente, sempre mantendo uma particular atenção ao *setting*. “Quando sou capaz de falar com o paciente dessa maneira, parece que parei de ‘fazer interpretações’ e oferecer outras formas de ‘intervenções psicanalíticas’ e estou ‘simplesmente falando’ com o paciente... falando simplesmente – livre de clichês, jargões, evitando uma tonalidade de voz ‘terapêutica’, cheia de ‘sabedoria”.

No capítulo 2, “On talking-as-dreaming”, Ogden retoma a noção de análise como uma “preocupação” (*going concern* de Winnicott, 1971) possibilitando o surgimento de um lugar onde a área de sonhos do paciente intercepta a área de sonhos do analista, viabilizando o *dream work* e a função psicanalítica. Lembra Grotstein (2000), o sonhador inconsciente que sonha o sonho – *dreamer who dreams the dream* – e os sonhos que ainda não foram sonhados. Como não poderia deixar de ser, encontramos Bion (1962a) e a função alfa que transforma as impressões sensoriais cruas em experiências emocionais.

1 Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo SBPSP.

No capítulo 3, “On psychoanalytic supervision”, o autor contrasta os *sonhos interrompidos* onde acontece uma ruptura momentânea da capacidade da pessoa dormir, acordando de um pesadelo em estado de medo e os *sonhos não sonhados*, que revelam uma inabilidade para sonhar a experiência vivida. Estes podem se manifestar em desordem psicossomática, perversão, terror noturno, bolsões psicóticos e estados esquizofrênicos de não experiência (Ogden, 1980).

Relata a supervisão em que acompanhou uma médica pediatra submetida a uma verdadeira tortura por uma paciente imensamente gorda e o desenvolvimento de uma transferência psicótica, aventando a hipótese da possível ocorrência de uma psicose contratransferencial. Aponta para o papel do supervisor que seria, então, a de facilitar aspectos do trabalho de sonho do supervisionando que este não conseguiu sonhar previamente.

Sugere que a incapacidade de sustentar um estado receptivo de *rêverie*, aponta para a limitação dessa habilidade no supervisionando.

No capítulo 4, “On teaching psychoanalysis”, afirma que o ensino da psicanálise abre um espaço para pensar e sonhar numa situação em que o não entender prevalece. Sugere vários tópicos: como ler escritos psicanalíticos, ensinar a clínica como uma forma de sonho coletivo, ler poesia e ficção para treinar o ouvido, salientando a arte de aprender a esquecer o que aprendemos.

Ogden apresenta três ou quatro seminários, realizados com pequenos grupos, e suas discussões alternadas com outros três ou quatro encontros nos quais um apresentador lê suas notas sobre sessões mais recentes, expondo sua vivência em *rêverie* e seus sentimentos contratransferenciais, mas sem ferir sua privacidade. Tive o privilégio de assistir alguns encontros e apresentar material clínico. O grupo é aberto, no sentido de não ter começo nem fim. Senti que fui acolhida como um deles e não como uma colega convidada.

O capítulo 5, “Elements of analytic style: Bion’s clinical seminars”, apresenta três seminários que aconteceram em Brasília em 1975. Examina a fala do apresentador e os apartes de Bion, mas também o que deveria estar acontecendo naquele instante no momento do relato, quando Bion oferece uma interpretação não obstrusiva ao apresentador. É como se Ogden estivesse presente, sentindo, observando, pensando, interpretando, aqui e agora conosco.

Capítulo 6, “Bion’s four principles of mental functioning”. Ogden inicia afirmando: Pretendo organizar a teoria do pensar de Bion em quatro princípios do funcionamento mental, mas isto é meu projeto, não de Bion. Bion nunca usou esse termo em relação ao seu próprio pensamento, como Freud (1911) o fez.

O primeiro princípio do funcionamento mental: O ser humano tem necessidade de Verdade. A relação entre realidade e pensamento, enfatizando a experiência emocional é bem diferente de Freud, cuja primazia é dada ao instintual. Analisa *Experiences in Groups* (Bion, 1959) e salienta três itens na teoria do pensar:

- a ideia do não pensar
- tolerância ao não saber
- o conceito de visão binocular (Bion, 1962a)

O segundo princípio do funcionamento mental: é necessário duas mentes para metabolizar um pensamento perturbador.

Em terceiro, pensar para desenvolver os pensamentos; conceitos de elementos beta, alfa; continente-contido.

Quarto: Sonhar e a função psicanalítica da personalidade e sonhar é o processo para realizar essa função.

Capítulo 7, “Reading Loenwald. Oedipus reconceived”. Na história da psicanálise, o complexo de Édipo foi reinterpretado várias vezes, por exemplo por Klein, Fairbairn, Lacan, Kohut. Ogden entende que é tarefa de cada nova geração fazer uso, destruir e reinventar a criação de uma geração prévia, como forma de enriquecer a observação dos fenômenos mentais sem os deformar.

Capítulo 8, “Reading Harold Searles”. Estabelece uma complementaridade entre Searles e Bion. Searles tendia a formular seu pensamento de modo mais abstrato, nisto contrastando com Bion (1962b) e sua teoria sobre o pensar. Ogden acha indispensável que o estudioso destes psicanalistas esteja suficientemente familiarizado com o trabalho de ambos porque só assim poderá apreciar as propostas de cada um.

Numa linhagem que, a partir de Freud, encaminhou-se pelas vias da psicanálise anglo-americana depois que se tornou possível estudar tanto Klein quanto Winnicott, tanto Bion quanto Searles, Ogden formula uma síntese nova por que totalmente elaborada sobre sua cultura humanística e do coração da sua experiência como psicanalista, para revivificar os aspectos que perderam a vitalidade pelo excesso de teorização, sem abandonar o fundamento científico nos fatos e a criatividade que se espera de todo aquele que convive com conhecimento e *rêverie*, racionalidade e emoção. A leitura da obra de Ogden é um testemunho da sua trajetória e uma fonte de enriquecimento para cada analista que se dispõe a rever suas perplexidades e reencontrar a matriz do pensamento psicanalítico.

Referências

- Bion, W. R. (1962a). Learning from Experience. In *Seven Servants*. New York: Aronson, 1975.
- _____. (1962b). A theory of thinking. In *Second Thoughts*. New York: Aronson, 1975, p. 110-119.
- Freud, S. (1911). Formulations of the two principles of mental functioning. *SE*. 12.
- Grotstein, J. S. (2000). *Who is the Dreamer who Dreams the Dream? A Study of Psychic Presences*. Hillsdale, NJ: Analytic Press.
- Ogden, T. H. (1980). On the nature of schizophrenic conflict. *International Journal of Psychoanalysis*, 61: 513-533.
- Winnicott, D. W. (1971). Playing: A theoretical statement. In *Playing and Reality*. New York: Basic Books, p. 38-52.